

MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO SEXUAL: RELATOS DE EDUCADORAS SOBRE A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Raquel Baptista SPAZIANI¹
Patrícia Cristine PEREIRA²
Ana Cláudia Bortolozzi MAIA³

646

RESUMO: Muitos/as educadores/as possuem uma história de educação sexual caracterizada pela repressão sexual. Tendo em vista que a forma com que se lida com a própria sexualidade pode estar relacionada à maneira como irá se abordar o tema em sala de aula, faz-se necessário um trabalho de reeducação sexual com estes/as profissionais. Assim, o presente estudo teve como objetivo investigar as memórias de educadoras sobre a educação sexual que tiveram na infância e adolescência. Para isso, oito educadoras escreveram uma redação sobre as suas memórias da educação sexual familiar e escolar. Como resultado, pôde-se perceber que a maior parte das participantes descreveu uma educação sexual familiar omissa, compreendendo a escola como o local em que aprenderam sobre o tema, nas aulas de biologia e em conversas informais.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias. Educação sexual. Educadoras.

Introdução

Questões envolvendo a sexualidade estão presentes no cotidiano escolar, na medida em que manifestações sexuais fazem parte da interação da criança com o meio em que vive, sendo observadas por meio de conversas, perguntas ou brincadeiras (MAIA, 2005; RIBEIRO, 2009; SILVA, 2007). A infância é um período no qual a criança demonstra muita curiosidade e interesse pelos temas relativos à sexualidade humana, visto que ela está descobrindo o seu corpo e o prazer que este pode lhe proporcionar (MAIA; SPAZIANI, 2010; MAIA et al., 2011; SILVA, 2007).

É nessa fase que o conceito sobre os fenômenos relacionados à sexualidade começa a ser modelado pelas normas sociais. Isso porque a sexualidade é um aspecto da vida humana, no qual o corpo, prazeres e desejos são vivenciados e construídos por

¹ Doutoranda em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - raquelspaziani@outlook.com.

² Mestre em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP – Brasil. 14800 - pcristinepereira@yahoo.com.br.

³ Docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Bauru – SP – Brasil. 17033-360 - aclaudia@fc.unesp.br.

meio dos valores sociais e culturais (MAIA, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; MEYER; 2007; RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004). Estas expressões sociais da sexualidade se manifestam por meio do discurso, que de maneira intencional ou não faz parte da educação sexual do indivíduo (FURLANI, 2007; MAIA, 2010; MEYER, 2007; RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004).

A educação sexual ocorre de maneira paulatina e assistemática pelas diferentes instituições sociais, como a família, escola, mídia e religião, por exemplo. Considerando que os discursos presentes na sociedade são diversos e, muitas vezes, contraditórios, as significações e concepções sobre a sexualidade irão ser transmitidas de maneira mais restrita ou mais liberal, a depender de cada família (BERNARDI, 1985; PARKER, 1991). Tendo isso em vista, pode se perceber que o exercício da sexualidade é controlado por um “conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente” (CHAUÍ, 1984, p.9).

Considerando que professores/as, coordenadores/as e funcionários da escola irão lidar com diversas formas de manifestações sexuais de seus/suas alunos/as, faz-se necessário a promoção de um diálogo crítico e reflexivo sobre o tema desde a infância, a fim de questionar os modelos de sexualidade e gênero transmitidos pelas diversas agências sociais tais como família, religião, mídia – esta por meio de revistas e/ou programas televisivos, que reproduzem estereótipos e normas de conduta (CHAUÍ et al., 1981; FURLANI, 2007; MAIA, 2005; RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004).

Contudo, muitos/as educadores/as demonstram constrangimento em conversar sobre sexualidade com crianças, seja por medo de erotizá-las precocemente ou por despreparo profissional sobre como lidar com a sexualidade infantil (KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; MAIA et al., 2011; RIBEIRO, 2009; SILVA, 2007). Aliada à falta de informação há o aspecto de que muitos/as possuem uma história de educação sexual caracterizada pela repressão sexual (MAIA, 2005; KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010).

Desta maneira, faz-se necessário educadores/as atentos/as aos seus valores e preconceitos, assim como as suas dificuldades e limites em relação ao tema, a fim de se reeducar sexualmente, oportunidade de rever tabus e mitos que construíram sobre a sexualidade. Para isso, é importante haver uma reflexão sobre a própria história de educação sexual, já que a forma com que se lida com a própria sexualidade pode estar relacionada à maneira como irá se abordar o tema em sala de aula (CHAUÍ et al., 1981; KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010; MAIA et al., 2011).

Pensando nisso Kawata, Nakaya e Figueiró (2010), realizaram uma pesquisa na qual estudantes de psicologia deveriam escrever uma redação sobre a sua história de educação sexual, assim como responder algumas questões sobre o tema, com o objetivo de conhecer esta história, bem como a visão de sexualidade destas estudantes. Como resultado, as autoras perceberam que as participantes, embora tenham vivido em uma época marcada pela liberdade sexual, possuíam uma história de educação sexual repressiva e com ausência de diálogo sobre o assunto, onde o tema não era discutido abertamente no ambiente familiar ou escolar.

Tendo em vista que a maneira com que se compreende a própria sexualidade, assim como a história de educação sexual, pode se relacionar com a forma com que se trata o tema em sala de aula, o presente estudo teve como objetivo investigar as memórias de educadoras sobre a sexualidade e a educação sexual que tiveram na infância e adolescência.

Método

O estudo em questão é um trabalho qualitativo descritivo, que visa conhecer e descrever a compreensão de educadoras de crianças sobre a própria história pessoal de educação sexual. Sua realização ocorreu após a aprovação de um Comitê de Ética de uma universidade pública, respeitando os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos.

Participantes

Participaram oito mulheres que trabalham em uma escola de educação infantil, sendo estas professoras (6), diretora (1) e auxiliar de professora (1), com idade variando entre 30 a 53 anos. A religião predominante das participantes foi a católica (4), seguida da espírita (2), evangélica (1) e sem religião (1). A maior parte das participantes possui o estado civil casada (6), havendo também o estado civil solteira (2).

As participantes foram selecionadas em um curso ministrado pelas autoras sobre sexualidade infantil, no qual uma das atividades consistia em escrever uma redação sobre a história pessoal de educação sexual. O critério de inclusão das participantes foi o interesse em participar da pesquisa, já que o convite foi feito a todas as profissionais que participaram do curso.

Neste trabalho, as participantes serão identificadas com a letra maiúscula P, seguida de números arábicos, como por exemplo P1.

Materiais

Para a coleta de dados foi utilizado uma folha de papel com uma proposta de redação sobre a história de educação sexual. Esta proposta sugeria como temas norteadores discorrer sobre as memórias da educação sexual familiar e escolar ao longo da vida.

Este instrumento foi elaborado a partir de um levantamento bibliográfico sobre o tema, assim como testado em sua funcionalidade em situação piloto. Os temas norteadores da redação configuram algumas categorias prévias para análise de conteúdo posterior.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A realização da coleta de dados ocorreu no ano de 2011, em um curso sobre sexualidade infantil organizado pelas autoras, realizado em um núcleo de aperfeiçoamento profissional de professores/as, em uma cidade do interior paulista. Este curso possuía 13 mulheres como integrantes, sendo todas profissionais da educação infantil. Uma das atividades reflexivas propostas foi a de escrever uma redação sobre as memórias que as profissionais tinham sobre a educação sexual familiar e escolar.

Desta maneira, foi realizado o convite para a participação voluntária na pesquisa, sendo esclarecidos os objetivos e procedimentos desta, bem como enfatizando que nenhuma profissional teria prejuízo em não concordar participar, garantindo os aspectos éticos assumidos pelas pesquisadoras. Assim, em um momento reservado para a realização da atividade, as participantes do curso escreveram a redação, assinando um termo de consentimento informado aquela que concordasse em participar da pesquisa.

As redações foram transcritas na íntegra para a realização da análise de dados. Esta pautou-se na análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), na qual o conteúdo temático foi agrupado em categorias, descritas a seguir.

Resultados

Memórias da educação sexual familiar

A maior parte das participantes descreveu se recordar de uma educação sexual omissa na família, onde seus familiares não conversavam sobre o assunto, sendo este considerado tabu e proibido.

Nasci em uma família onde o assunto era proibido, não se falava sobre (P2).

Minha história de educação sexual é bastante tensa, no que se refere ao diálogo (P3).

Na minha casa nunca se falou sobre o assunto (P5).

Minha mãe nunca conversou sobre assuntos relacionados à sexo e sexualidade (P7).

Sem orientação educativa nenhuma, tudo era feio, proibido, jamais conversado (P8).

Duas participantes relataram não se recordar de questões sobre sexualidade e família, não tendo lembranças sobre conversas ou atitudes de seus familiares em relação à sexualidade.

Não tenho lembranças de ter uma curiosidade ou experiência sobre sexualidade na minha infância (P4).

Na família não tenho lembrança de conversas ou qualquer assunto sobre o tema (P6).

Embora a maior parte dos familiares não tenha conversado sobre sexualidade com as suas filhas, estas descreveram se recordar de uma infância e adolescência envoltas em curiosidade em relação ao tema. A fim de saciar essa curiosidade, algumas participantes relataram comprar livros ou revistas pornográficas, bem como olhar o corpo de outra criança a fim de descobrir as semelhanças e diferenças entre estes.

Lembro-me de um livro que ficava escondido e que eu e alguns (2) primos aproveitávamos a ausência dos adultos para ler esse tal livro. Tínhamos muita curiosidade e chegamos a nos olhar (eu, uma prima e um primo) (P1).

Cresci curiosa pois na minha época era normal aprender com amigas mais velhas na escola (P2).

Busquei sempre informação com pessoas ou livros que pudessem me esclarecer as dúvidas tão comuns nos adolescentes (P4).

Comprávamos até revistas “pornôs” (P5).

Algumas participantes discorreram sobre uma divisão de papéis na educação sexual em relação aos seus pais e às suas mães, cabendo a estas conversarem sobre assuntos relacionados ao corpo e a sexualidade com as suas filhas, quando necessário.

Meu pai sempre muito austero, já não permitia que houvesse diálogo, sempre foi uma educação extremamente rígida e por meio do olhar [...]. Minha mãe sempre muito amorosa, procurava “preencher” a ausência de diálogo com carinhos e intensa dedicação no cuidado do lar, higiene, alimentação e presença na aprendizagem escolar dos três filhos. Mas aprendemos com minha mãe e avó materna (muito cristãs – católicas também) que o sexo antes do casamento era algo proibido e com alto grau de pecado, uma atitude errada e até mesmo suja, sem valores e princípios (P3).

Minha lembrança sobre sexualidade é por volta dos 13 anos quando fiquei menstruada pela primeira vez, minha mãe chamou e explicou da maneira dela mas não traumática como funcionava o ato sexual entre homens e mulheres (P4).

Lembro que quando menstruei, com 11 anos, me assustei e só então minha mãe me falou sobre o assunto (P5).

Apesar da figura materna ter aparecido como aquela com quem conversar sobre sexualidade, uma participante relatou ter sofrido violência sexual na sua infância e haver tido medo de revelar o fato à sua mãe, assim como atribuiu a causa da violência sofrida à educação rígida de sua família e, conseqüentemente, à sua ignorância sobre o tema.

Abuso sexual entre 5 para 6 anos que ainda convive. Onde a mãe foi saber somente depois por medo era maior (P8).

Memórias da educação sexual na escola

Sobre as memórias em relação à sexualidade e a escola, as participantes que descreveram se lembrar de terem aprendido sobre o tema em sala de aula, recordaram-se destas serem sempre referentes ao corpo humano e à biologia.

Depois aprendi algumas coisas na escola, mas também era uma educação rígida (P1).

Os livros da escola “falavam” do assunto e o mais esclarecedor foi a aula da professora de ciências, que tirou todas ou quase todas nossas dúvidas. Gostamos tanto dela que foi até escolhida professora paraninfa da turma (P5).

Outras lembranças vêm dos livros didáticos e aulas de orientação sexual, nos quais tratavam mais do corpo humano (P6).

Contudo, quatro participantes não discorreram sobre as aulas e a importância destas para saciar as suas curiosidades sobre a sexualidade humana. A principal memória relacionada à escola foram as conversas com as amigas sobre o assunto, onde a maior parte das participantes relatou ter aprendido sobre o tema.

Outras informações vieram já na adolescência através de conversas com amigas (P1).

Pegava revistas pornográficas escondidas, pois a curiosidade era geral e sempre alguém tinha uma para mostrar na escola (...). Aprendi sobre sexualidade com minhas colegas mais velhas (P2).

Na minha casa nunca se falou sobre o assunto, as primeiras informações sobre este foi descoberta com colegas. Ouvíamos algumas coisas, as mais velhas comentavam nos banheiros da escola, o corpo mudando (P5).

Aprendendo sobre sexo e sexualidade por amigos de forma primeiramente inadequada (P8).

Discussão

Estudos mostram que é comum professores/as vivenciarem uma história de educação sexual marcada pela repressão e omissão de informações relacionadas à sexualidade (KAWATA; KAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; MAIA et al., 2011). Em concordância com estes estudos, as professoras participantes que relataram lembrar-se da educação sexual que tiveram no ambiente familiar demonstraram compreendê-la como um tabu, um assunto não discutido e não dialogado por seus pais e mães.

A herança cultural patriarcal também relegou às mulheres o espaço da casa/cuidado dos filhos motivo pelo qual a discussão dos assuntos relacionados à sexualidade no âmbito familiar, ocorriam preferencialmente com as mães, que lhes esclareciam sobre as mudanças corporais as quais vinham passando no início da adolescência, bem como transmitiam valores considerados importantes, como a virgindade, por exemplo. Assim, pôde-se perceber que, quando necessário, a figura materna ocupou um lugar na educação sexual de suas filhas, em detrimento da figura paterna, relatada como rígida e omissa. Isso ressalta os valores propagados socialmente de que a mulher possui a responsabilidade de educar seus filhos e filhas, enquanto o homem se atém a função de provedor (PARKER, 1991).

Outro fato relacionado aos diálogos sobre sexualidade com os familiares foi o de que esses só ocorreram na adolescência, o que pode demonstrar certa resistência de seus pais e mães em conversar sobre sexualidade antes desse período, seja por medo de erotizar as crianças precocemente, seja por terem dificuldades pessoais em se tratar o assunto (KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; MAIA et al., 2011; RIBEIRO, 2009; SILVA, 2007).

Contudo, apesar do esforço familiar em não dialogar sobre sexualidade com as suas filhas, as participantes relataram haverem tido uma infância e uma adolescência marcada pela curiosidade em relação ao corpo, sexo e sexualidade (MAIA; SPAZIANI, 2010; MAIA et al., 2011; SILVA, 2007). Como não tinham as suas curiosidades e angústias saciadas, relataram buscar esclarecimentos em revistas e conversas com amigas.

Tais comportamentos são muito comuns, porém podem transmitir informações não confiáveis e com reproduções de estereótipos sexistas e inatingíveis de gênero (CHAUÍ et al., 1981; FURLANI, 2007, MAIA, 2005; RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004), exemplo disso foi relatado por uma participante que sofreu violência sexual na infância, dizendo ter aprendido sobre sexo e sexualidade com os amigos, de maneira inadequada, não denunciando o fato para a sua mãe por medo de sofrer represálias.

Sobre a educação sexual escolar, o diálogo foi delegado às disciplinas de ciências e biologia, responsáveis por tratar o corpo humano e as mudanças corporais por que vinham passando. Entretanto, atribuir a responsabilidade pela educação sexual apenas a essas disciplinas pode fazer com que se transmita uma visão biológica e parcial da sexualidade humana (MAIA, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010; MEYER, 2007; RIBEIRO; SOUZA; SOUZA, 2004).

Apesar da limitação de disciplinas incumbidas em falar sobre sexualidade, a escola foi indicada pelas participantes como principal ambiente em que o assunto era discutido, talvez por ser esse ambiente no qual elas se encontravam com as amigas e com meninas mais velhas, com quem tiravam dúvidas e conversavam sobre namoro, beijo e corpo, por exemplo.

De acordo com Kawata, Kakaya e Figueiró (2010), Maia e Maia (2005), considera-se um trabalho de grande importância a reflexão sob a própria educação sexual para que o/a profissional seja capaz de emprender uma educação sexual crítica.

Conclusão

Estudos mostram que, muitas vezes, educadores/as de crianças tem dificuldade em dialogar sobre sexualidade com elas por haverem tido uma história de educação sexual familiar e escolar marcada pela omissão e repressão sexual. Assim, faz-se necessário um trabalho reflexivo com eles/as, seja na formação inicial ou em cursos de formação continuada, para que reflitam sobre as suas memórias relacionadas ao aprendizado sobre sexualidade na infância e adolescência, bem como haja um movimento de reeducação sexual, ressignificando valores e concepções consideradas tabus.

SEX EDUCATION MEMORIES: REPORTS OF EDUCATORS ABOUT CHILDHOOD AND ADOLESCENCE

ABSTRACT: *Many educators have a history of sexual education characterized by sexual repression. Considering that the way people deal with their own sexuality may be related to the way they will approach the theme in the classroom, it is necessary to work with their sexual reeducation. Therefore, the present study aimed to investigate educators' memory about childhood and adolescence sex education. For this purpose, eight educators wrote a redaction about his memories of family and school sex education. As a result, it could be seen that most of the participants described that their sexual education by family have been omissive and understanding the school was the place where they learned about the topic in biology classes and in informal conversations.*

KEYWORDS: *Keys words. Memories. Sexual education. Educators.*

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.
- CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, M. et al. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p.99-110, 1981.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.66-81.

KAWATA, H. O.; NAKAYA, K. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação do/a educador/a. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.11, n.1, p.85-111, 2010.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia Online**, 2010. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1303>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

_____. Diálogos sobre sexualidade com a criança. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. São Paulo: CECEMCA, 2005. p.121-141.

MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. O Processo de Repressão e Educação Sexual. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (Org.). **Sexualidade e infância**. São Paulo: CECEMCA, 2005. p.47-64.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.11, n.1, p.68-84, 2010.

MAIA, A. C. B. et al. Projeto de intervenção em educação sexual com educadoras e alunos de uma pré-escola. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v.7, n.1, p.115-129, 2011.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: G. L. LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.9-27.

PARKER, R. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

RIBEIRO, P. R C.; SOUZA, N. G. S.; SOUZA, D. O. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.109-129, 2004.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

SILVA, M. C. P. Diálogo sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem. In: SILVA, M. C. P. (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.